

Ambiente agrícola e uso da terra na planície aluvial do Vale do Pajeú, Pernambuco

**Antonio Raimundo de Sousa, Ricardo Malta Gondim Reis, Vital Artur de
Lima e Sá, Ademar Barros da Silva, Mauro Resende e José Nunes Filho**

Resumo

Agricultores foram entrevistados para compor um quadro de informação sobre o uso e manejo do solo na planície aluvial do Vale do Pajeú, em Pernambuco, a fim de identificar as limitações, caracterizar e interpretar os principais sistemas de produção, fornecendo subsídios para a utilização daqueles ambientes. A deficiência de água, a falta de incentivos para o pequeno agricultor, o modelo de colonização vigente e, eventualmente, a falta de orientações técnicas são fatores limitantes da produção agrícola da planície aluvial. A área é favorável a implantação de um sistema de produção com diversificação de produtos e indicada para pequenos agricultores. Constituem, na sua maioria, sistemas tipicamente tradicionais, tendo como resultado um baixo desempenho em virtude dos graves problemas setoriais da região, em função da baixa produtividade, vulnerabilidade aos riscos climáticos, carência na estrutura de comercialização, uso inadequado dos fatores de produção e política de preço mínimo desfavorável. Alguns fatores têm particularmente contribuído para promover a modernização da grande propriedade através dos incentivos fiscais, expansão da pecuária em grandes áreas causando a saída de pequenos agricultores e desestimulando a pequena produção, em particular quanto ao crédito, incentivos, transporte, armazenamento e comercialização, o que reflete no aumento substancial da concentração das terras e no aumento do número de grandes propriedades. Diante desse quadro ficam ressaltadas algumas condições ecossociológicas: a ocupação extensiva da pecuária em grandes áreas, mas de poucos donos; a fixação de algumas famílias ao longo do vale, desenvolvendo as práticas de convivência com os problemas; e, a moderna e crescente construção de grandes açudes para instalação de projetos de irrigação. Estes processos produtivos dominantes na região constituem empecilho à introdução de novas e racionais práticas de produção agrícolas. O arrendamento, a parceria e a permuta de atividades enquanto ainda sejam formas de relação de produção bastante comuns no meio rural, são, pela própria natureza, um desestímulo ao uso de tecnologias que requeira investimento. O fato de as relações estabelecidas serem, na maioria das vezes, de caráter puramente verbal e, em geral de curta duração, em torno de dois anos, implica a impossibilidade do aproveitamento do efeito residual de alguns insumos, da aplicação de práticas duradouras e da implantação de qualquer infra-estrutura voltada para a conservação dos recursos naturais. Assim, os pequenos agricultores-arrendatários, parceiros e assalariados, ficam impossibilitados de utilizar técnicas de exploração que aumentem a produtividade das culturas. Portanto, há necessidade de uma redistribuição dos fatores terra, capital e trabalho, definindo com maior ênfase, novas funções de produção.